



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
FACULDADE UnB PLANALTINA – FUP
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

RESSIGNIFICAÇÃO DO TERRITÓRIO E A RESISTÊNCIA
CAMPONESA NO ASSENTAMENTO BOM SUCESSO - FLORES DE GOIÁS

Planaltina-DF
2019

MARCIO ALVES DE ABADIA

**RESSIGNIFICAÇÃO DO TERRITÓRIO E A RESISTÊNCIA
CAMPONESA NO ASSENTAMENTO BOM SUCESSO - FLORES DE GOIÁS**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Educação do Campo, com habilitação na área de Matemática.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Osanette de Medeiros

Co-orientadora: Prof^ª Esp. Iolanda Rodrigues Cadete

Planaltina – DF
2019

MARCIO ALVES DE ABADIA

**RESSIGNIFICAÇÃO DO TERRITÓRIO E A RESISTÊNCIA
CAMPONESA NO ASSENTAMENTO BOM SUCESSO - FLORES DE GOIÁS**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Educação do Campo, com habilitação na área de Matemática.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Osanette de Medeiros

Co-orientadora: Prof^ª Esp. Iolanda Rodrigues Cadete

Aprovada em ----/----/2019.

Banca Examinadora:

Prof^ª Dr^ª Maria Osanette de Medeiros
(Orientadora)

Prof^ª Esp. Iolanda Rodrigues Cadete (Co-orientadora) Membro Externo

Prof^ª MSC^a Elizana Monteiro Santos (UnB)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus amados pais Lázaro Alves da Silva e Rita Francisco de Abadia, que não mediram esforços para que eu alcançasse mais essa conquista, às minhas irmãs Marcia Alves de Abadia e Silvone Alves de Abadia, ao meu irmão *in memoriam* Cícero Alves de Abadia, que me faz tanta falta nesse momento tão ímpar em minha vida. À minha filha que tanto amo, Dandara Alves Miranda e a toda minha família que de forma direta ou indireta contribuiu para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

Por fim, dedico este trabalho a todos aqueles que de uma forma ou de outra lutam para que as políticas públicas sociais e afirmativas tornem-se acessíveis a todas as camadas sociais.

AGRADECIMENTOS

Deixo aqui meus agradecimentos à Universidade de Brasília campus de Planaltina DF, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram a janela que hoje vislumbro um horizonte amplo, com confiança, mérito e ética.

Também agradeço aos meus familiares, pelo incentivo e compreensão pelas vezes que tive que me ausentar do seio familiar com o objetivo de dedicar-me aos estudos. Também agradeço aos meus professores e professoras na pessoa da minha Orientadora Prof^o Dr^a. Maria Osanette Medeiros e minha Co-orientadora, Prof^o. Esp. Iolanda Rodrigues Cadete, por sua dedicação para comigo no pouco tempo que lhes couberam pela suas orientações, correções e incentivos durante todo o período da realização do curso bem como na produção deste trabalho de conclusão de curso.

A Deus pelo dom da vida e por ter me capacitado a concluir mais uma etapa importante da minha vida.

Agradeço a Comunidade do Assentamento Bom Sucesso/Santa Cruz pela oportunidade da vivência diária durante 18 anos em que pude compreender o processo de existência e lutas da classe trabalhadora rural. Agradeço em especial às famílias que compuseram a parte fundamental da minha pesquisa de TCC, sem seus conhecimentos e história de vida nada disso seria viável.

"O povo que não conhece sua história e seu passado, não terá a chance de construir um futuro melhor"

(Luiz Inácio Lula da Silva)

RESUMO

Este trabalho é fruto da pesquisa que procurou saber como os moradores do assentamento Bonsucesso de Flores de Goiás ressignificaram a vida, desde o acampamento, em 1996, até os dias atuais. A pesquisa desenvolveu-se por meio da abordagem qualitativa, tendo como principal instrumento a entrevista semiestruturada, realizada com nove moradores. Ao questionar como ocorreu a ressignificação da vida das famílias, a pesquisa apresentou dados que revelam dois momentos: a vida no acampamento, com objetivos comuns, união e projetos coletivos. Outro momento, já na condição de assentados, os moradores partiram para ações mais individuais, utilizando os programas do governo para implantar seus projetos. Outra mudança que os entrevistados apontam refere-se à vida que levavam antes de chegarem ao acampamento e a vida depois de assentados. Nessa nova condição muitas mudanças ocorreram, como sossego, condições para criar os filhos, mesmo que tivessem que buscar outras fontes de renda. Foi observada também a participação ativa e visível da mulher na ressignificação das decisões domésticas e coletivas. A pesquisa procurou levantar questões relevantes no âmbito da agricultura familiar, considerando todos os envolvidos no processo como participantes ativos.

Palavras-chaves: Assentamento. Acampamento. Ressignificação.

RESUMEN

Este trabajo es fruto de la investigación que buscó saber cómo los moradores del asentamiento Bonsucesso de Flores de Goiás resignificaron la vida, desde el campamento, en 1996, hasta los días actuales. La investigación se desarrolló a través del abordaje cualitativo, teniendo como principal instrumento la entrevista semiestructurada, realizada con nueve vecinos. Al cuestionar cómo ocurrió la resignificación de la vida de las familias, la investigación presentó datos que revelan dos momentos: la vida en el campamento, con objetivos comunes, unión y proyectos colectivos. Otro momento, ya en la condición de asentados, los residentes partieron para acciones más individuales, utilizando los programas del gobierno para implantar sus proyectos. Otro cambio que los entrevistados apuntan se refiere a la vida que llevaban antes de llegar al campamento y la vida después de asentados. En esta nueva condición muchos cambios ocurrieron, como tranquilidad, condiciones para criar a los hijos, aunque tuvieron que buscar otras fuentes de ingresos. Se observó también la participación activa y visible de la mujer en la resignificación de las decisiones domésticas y colectivas. La investigación buscó plantear cuestiones relevantes en el ámbito de la agricultura familiar, considerando a todos los involucrados en el proceso como participantes activos.

Palabras claves: Asentamiento. Campamento. Reframing.

LISTAS DE SIGLAS

APP - Área de Proteção Permanente

ARL - Área de Reserva Legal

ASPRABOM - Associação dos Produtores Rurais do Assentamento Bom Sucesso

CEASA-DF - Centrais de Abastecimento do Distrito Federal (CEASA-DF).

EJA - Educação de Jovens e Adultos

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

LEdoC – Licenciatura em Educação do Campo

PIB - Produto Interno Bruto

PLANAPO - Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica

PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

PNATER - Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural

P.A. - Projeto de Assentamento

PRONAF - Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

PRONERA - Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária

PT - Partido dos Trabalhadores

SUMÁRIO

MEMORIAL DESCRITIVO.....	
1. INTRODUÇÃO.....	12
1.1 Flores de Goiás - História.....	23
1.2 Assentamento Bom Sucesso - lutas e histórias.....	27
1.3 Ressignificando a vida no Assentamento.....	28
2. TEMAS PARA COMPREENDER A RESSIGNIFICAÇÃO	29
2.1 Agroecologia e a agricultura familiar.....	29
2.2 Agricultura familiar e políticas públicas para o campo.....	30
2.3 Importâncias da mulher na construção da ressignificação.....	31
3. METODOLOGIA.....	33
3.1 Análise e interpretação dos dados.....	35
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
5. REFERÊNCIAS.....	41
APÊNDICES	
APÊNDICE I	
Roteiro de entrevista semiestruturada.....	36
APÊNDICE II	
Quadro com as respostas dos entrevistados.....	37
APÊNDICE III	
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	48

MEMORIAL DESCRITIVO

Ao delinear esta pesquisa, não tinha a intenção de apresentar a minha trajetória de vida. Entretanto, à medida que o estudo foi se desenvolvendo e eu fui me apropriando dele, pensei em me apresentar, uma vez que minha trajetória está imbricada no tema proposto para a pesquisa. Sou assentado no Projeto de Assentamento (PA) Bom Sucesso I, fui recenseador em 2010 e extensionista agrícola neste município por três anos consecutivos, portanto, faço parte dessa comunidade, desde o pré-assentamento, mas só passei a morar definitivamente em 2006.

Meus pais mudaram-se para o assentamento no final de década de 1999, sendo então um dos pioneiros daquele lugar, nessa época ficamos eu e meus três irmãos morando em Formosa – GO, minha participação no pré-assentamento se dava somente em feriados, fins de semana e férias, devido estar servindo às Forças Armadas, e em seguida cursando Técnico em Agropecuária com habilitação em Desenvolvimento Sustentável em Unaí – MG, pelo Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), no período de três anos. Somente a partir daí é que me integrei definitivamente no já consolidado Assentamento Bom Sucesso no início de 2006, nessa época eu já estava com 25 anos de idade e fui lecionar em uma escola da rede Estadual no Assentamento São Vicente que fica distante dali cerca de 45 km. Lá trabalhei por dois anos regressando somente nos finais de semana. A partir de então passei a morar em definitivo no P.A, e me dedicar somente às atividades com plantio irrigado de horticultura em geral, e nesse contexto de produção prossigo até hoje. No início de 2015 ingressei no Curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) na Universidade de Brasília – Campus de Planaltina – DF, onde prossegui desempenhando a função de estudante e produtor na agricultura familiar.

O interesse pelo tema da pesquisa surgiu a partir de me situar como assentado, agricultor e estudante da licenciatura em educação do campo, quando passei a olhar com mais atenção o assentamento e perceber que houve um processo de ocupação, em que os acampados estavam mobilizados em torno da luta pela conquista da terra. Depois veio o assentamento, fase em que cada família conquista sua parcela e novas relações se estabelecem. Comecei a observar essa trajetória histórica do Projeto de Assentamento (PA) Bom Sucesso e percebi que houve uma mudança no modo de vida

e no comportamento das pessoas. Enquanto no acampamento a vida era mais coletiva, as decisões eram tomadas coletivamente, no assentamento cada família passou a conduzir as questões ligadas à nova terra, à nova comunidade. Só se reuniam quando era para tomar decisões referentes ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Observava que a terra tinha um significado para aquelas famílias, antes de serem assentadas e no início do assentamento. Havia um movimento dinâmico em que homens e mulheres pareciam viver momentos de êxtase diante daquela conquista. Famílias que viviam separadas por imposição da condição de acampada, retomavam suas vidas, trazendo os filhos para perto, reconstituindo seus projetos de vida. Percebia-se que havia um significado da terra, da vida no assentamento para aquelas famílias. Entretanto, com o passar do tempo, parece que houve um isolamento, cada um cuidando de si.

Nesse sentido a formação na LEdoC contribuiu para que eu pudesse ver melhor essa realidade, uma vez que o curso traz, em sua concepção, elementos que dialogam com a realidade e valorizam os modos de produção da vida das populações do campo.

1. INTRODUÇÃO

Ao apresentar uma discussão acerca da ressignificação do território e a resistência camponesa, falo das lutas e dos enfrentamentos que possibilitam essa existência. Nesse sentido os camponeses devem ser compreendidos como sujeitos sociais e históricos. Esse entendimento remete à sua organização social e política, tradições, crenças e modo de vida. Nesse conjunto estão as lutas e o modo como se desenvolvem, com suas estratégias, para enfrentar o capital, o que pode ser constatado pelos movimentos sociais e sindicais. Ao se organizarem em movimentos os camponeses encontram formas de resistências que lhes possibilita maior força para os enfrentamentos. Além dessa organização há a disputa do território, a luta para conquistar e se manter na terra. É de fundamental importância compreender o papel e o lugar dos camponeses na sociedade capitalista e no Brasil em particular, como aponta (OLIVEIRA, 2004).

A resiliência é uma competência inerente à ressignificação do termo Território, é a aspiração do camponês em todo esse paralelo de luta para resgatar o território como direito de se apropriar do pouco da dignidade que lhe foi debandada juntamente com a restrição dos seus direitos. Ousar transcrever os substanciais conflitos enfrentados no campo é de grande significância social, é demonstrar que hoje esses indivíduos têm outra consciência política e social, o que ampara os mesmos a constituírem sua relação social com a terra de forma mais duradoura.

Cabe aqui uma reflexão acerca dos embates e as ressignificações da luta pela terra, para que se possa compreender o processo histórico vivido pelos protagonistas, homens e mulheres do Assentamento Bom Sucesso e o sentido da conquista até os dias atuais, destacando-se o papel da reforma agrária e seus impactos na vida dessa comunidade. Desde o início, com a chegada das famílias para a ocupação houve um processo de luta que culminou com o assentamento, que resiste até hoje muito embora não tenha mais a mesma motivação, o que gera outro modo de viver e lutar com novas forças direcionadas ora para o coletivo, ora para o individual. A luta agora é para se manter na terra e dela tirar o sustento.

Buscar condições de vida, ver os seus projetos colocados em prática passa a ser o grande desafio. Escola, água, energia, políticas de incentivo ao plantio são algumas das questões presentes no dia a dia dos assentados. A princípio, no assentamento houve uma reunião com o poder público local e representantes da Associação dos Produtores Rurais do Assentamento Bom Sucesso (ASPRABOM), para reivindicação de uma escola e ficou decidido que uma das residências da sede da fazenda iria ser destinada a instalação de uma escola que atenderia toda a comunidade em idade escolar do assentamento. Foi feita uma reforma para ampliar as salas. Foram construídos banheiros, além de ampliação dos espaços de uso comum. Porém, a escola nunca funcionou como ficaram decididas pela comunidade, as únicas turmas que chegaram a frequentar algumas aulas foram da Educação de Jovens e Adultos (EJA), isto por pouco tempo. A Secretaria de Educação na época alegou falta de recurso para manter professores na zona rural e que devido o assentamento ser próximo à cidade ficaria mais em conta transportá-los. Então com essa alegação por parte do poder público, a comunidade aceitou que assim fosse e até hoje os estudantes são levados de suas comunidades, retirados da realidade onde vivem, para estudar na cidade afastando-se em parte de seus costumes e vivências e aos poucos vão perdendo suas raízes.

Quanto às lutas pela terra e conseqüentemente os enfrentamentos sociais e burocráticos por manutenção e permanência na terra podem partir da premissa quanto à aceitação do dono da fazenda em aceitar que essas famílias pudessem adentrar em sua propriedade. Não se pode negar que o proprietário dessas terras tinha interesse em negociar a venda da fazenda ao INCRA, com isso, essas pessoas pioneiras puderam então morar e plantar em uma área destinada pelo fazendeiro. Muitos começaram ali o seu processo de subsistência, outros que tinham algum tipo de profissão, procuravam trabalho na cidade visto que a comunidade é próxima, nessa luta por um processo de melhoria na qualidade de vida, muitas famílias dependiam de outras fontes de recursos como: ajuda de famílias, aluguéis, aposentadorias, e principalmente de políticas públicas como: Bolsa Família, Renda Cidadã, entre outras. Neste ínterim as relações sociais entre esses cidadãos iam se constituindo e conseqüentemente o uso social da terra também ia se estabelecendo. Já de posse de suas parcelas as famílias puderam também ter acesso ao crédito habitação, o chamado FOMENTO, que é uma política pública de crédito, que dá suporte financeiro e é destinada a construção de casas para moradia, cercas, poços artesianos, ou seja, a infraestrutura básica para instalação dessas

famílias no assentamento, as moradias foram construídas por um processo de mutirão onde cada parceleiro auxiliava na construção da casa dos vizinhos mais próximos, gerando assim uma ajuda mútua.

De forma geral o assentamento é atendido na cidade devido à proximidade, porém por muito tempo um agente de saúde atendia as famílias em suas casas colhendo informações como: aferição de pressão arterial, marcação de consultas, acompanhamento em casos simples, ultimamente esta assistência não existe mais. Muitas famílias fazem uso de remédios caseiros na comunidade, a preservação dessa prática garante autonomia e o desafogamento do serviço público de saúde da região. Apesar da utilização de agrotóxicos por muitos agricultores, não há registros de contaminação no assentamento.

Assentar famílias não é fazer reforma agrária, mas tradicionalmente é isso que acontece no Brasil. Os maiores conflitos se iniciam depois do estabelecimento do assentamento. Se o governo executa a distribuição de terra, mas não dá condições de produzir, propiciando auxílio financeiro, acesso à assistência técnica, garantia de mercado para os produtos oriundos da produção, sem esses aparatos institucionais essas famílias estão fadadas a repetir o insucesso da maioria das famílias que compõe o quadro da agricultura familiar Brasil afora. Culturalmente entendemos como produtor aqueles que produzem o seu próprio alimento e o da sua família em sua propriedade.

O INCRA “disponibiliza” assistência técnica para assessorar e ajudar na sua formação enquanto produtores, porém essa assistência tem sido falha no acompanhamento na produção e no resgate do conhecimento, para esses produtores, uma educação transformadora onde o produtor tenha consciência do/no que produzir muitas vezes as empresas que prestam serviço para o INCRA sequer possuem equipamentos, profissionais competentes para cada situação, de acordo com as vivências e costumes de cada região e de cada comunidade. É notável grande dificuldade no aprendizado das pessoas que procuram assentamentos para morar e sobreviver com o que produzem na terra, essas pessoas enfrenta uma série de dificuldades, nos anos iniciais desde adaptação na lida com a terra até a sua formação e a dos seus filhos, muitos desses novos assentados sequer possuem informações sobre o clima, o tipo de solo, época de plantio, qual tipo de solo para cada tipo de cultura, como

calcular gastos e lucros da produção. Mesmo com a assistência técnica disponibilizada pelo INCRA, essa oportunidade de acesso ao conhecimento torna-se apenas em uma mera conversa e cumprimento de uma carga horária acordado previamente, muitos desses produtores sequer ficam sabendo quando têm cursos na comunidade e muito menos onde buscar essas informações, as empresas de assistência técnicas que são contratadas pelo poder público tem um prazo para cumprir seus contratos, uma vez vencido o prazo de prestação de serviço, o produtor fica a maior parte do tempo sem nenhum acompanhamento.

O processo de ascensão de desenvolvimento econômico do Estado de Goiás é percebido, e tem na agricultura o carro chefe desse cenário. Culturas como cana de açúcar e grãos eram o ouro da economia nos anos 60 no estado. Na década de 1960 com a chegada da Revolução Verde essa prática só se intensificou, tendo o Estado como sustentáculo para a comercialização do “pacote verde” através de políticas públicas seu alcance se dissipou também para outras fronteiras, apesar disso a região de Goiás mantém sua importância econômica para tal atividade agrícola. Calcula-se que o processo de desenvolvimento capitalista do Estado de Goiás deve ser analisado a partir da era Vargas, que em seu primeiro mandato se preocupava com a expansão da fronteira agrícola e exploração territorial no país, vendo na região Centro-Oeste essa grande possibilidade para sustentar o desenvolvimento das regiões Sul e Sudeste. Mais tarde esse período pode ser analisado como a “Marcha para o Oeste”, onde o Estado de Goiás mais especificamente, seria o estado fornecedor de alimentos e matéria-prima para o restante das regiões mais industrializadas do país (FERREIRA; FERNANDES FILHO, 2003).

Atualmente quando falamos de agricultura no Brasil não estamos apenas mencionando a agricultura de base agroindustrial, a agricultura familiar, responsável por 70% dos alimentos consumidos no país tem uma parcela importante desse desenvolvimento, e é nessa perspectiva que esse trabalho será desenvolvido, buscando demonstrar a resignificação de território e a resistência dos camponeses frente ao modelo hegemônico do capital que dita os preceitos da classe do agronegócio brasileiro.

A modernização da agricultura está em franca expansão, a fim de atender as demandas dos produtores de commodities o governo investe intensamente nessa atividade que segundo os dados econômicos é o maior Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil, mas tudo começou há décadas, com a chamada Revolução Verde.

Na era Vargas foi lançada a política de interiorização do desenvolvimento, que ficou conhecida como Marcha para o Oeste, seguida depois pela construção de Brasília que foi chamada da Segunda Marcha para o Oeste e posteriormente com o Regime Militar que também influenciou o desenvolvimento econômico da região goiana. No início da década de 80 com a redemocratização do Brasil, o estado de Goiás se estabeleceu economicamente como gerador de produtos e serviços ligados a agropecuário, atualmente essa atividade econômica é conhecida como agronegócio.

Com esse desenho surgiram novas relações sociais de trabalho, o homem do campo, agricultor com pequena parcela de terra, deixava sua propriedade para trabalhar para o grande possuinte latifundiário. A exploração desses trabalhadores rurais assalariados trouxe também outro padrão tecnológico para toda essa expansão de terras de monocultura de grãos. Isso revela como as condições de trabalho são ainda difíceis para os povos do campo. As novas gerações, de algum modo, têm lutado por melhorias sociais e econômicas, mas nem sempre é possível permanecer no seu território, isto é, muitos buscam melhores condições de vida em outros locais, geralmente, nos centros urbanos.

Está clara aqui uma aliança por parte da classe política e a classe dominante rural, os produtores da agricultura convencional capitalista. Por um lado, o estado concedendo créditos bancários para financiamento da produção e infraestrutura governamental, enquanto que a classe rural participa como empreendedores, gerando desenvolvimento econômico. Para corroborar com todo esse processo surgiu as pesquisas agronômicas, o estado mais uma vez sendo utilizado a serviço do agronegócio, através da EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, que desenvolve pesquisas que possam obter o melhor aproveitamento do uso solo do cerrado bem como das tecnologias disponíveis no mercado agrícola. Vale ressaltar que essa parceria entre produtores de grãos e governo era e é em todos os âmbitos de poder. A EMBRAPA teve e tem papel fundamental para o desenvolvimento contínuo e transversal do agronegócio em nosso país e fora dele.

A relação entre desenvolvimento e modernização não se verifica necessariamente, se supõe que a dominação nas sociedades mais desenvolvidas exclui os grupos tradicionais. Por outro lado, também, pode dar-se o caso de que a sociedade se moderniza em suas pautas de consumo, educação etc., sem que correlativamente haja menor dependência e deslocamento do sistema econômico da periferia em relação ao centro. Borges. Pág.81.

A utilização de recursos humanos, ambientais, financeiros, institucionais, a desburocratização das instituições públicas e financeiras em nosso país. Após o período histórico citado acima o estado de Goiás se firmou como um dos maiores produtores de grãos no país. A modernização do setor rural capitalista anda de mãos dadas com a prosperidade financeira do setor. Com todo esse arcabouço político tecnológico e econômico a fronteira agrícola goiana se estabeleceu política e economicamente como um importante polo de desenvolvimento agrícola. As tecnologias disponíveis para o agronegócio são tão superiores que derrubam a sazonalidade de ofertas dos produtos agrícolas, em décadas passadas somente alguns períodos do ano se encontram milho verde disponível para consumo.

A comunidade do Assentamento Bom Sucesso, no município goiano de Flores é formada por 84 famílias e está situado em uma região de remanescentes quilombolas. Com essa prerrogativa a resistência e a luta por sobrevivência é um dos dilemas sociais em questão. No processo histórico de conquistas e resistências desses agricultores é possível perceber que as políticas públicas destinadas à população do meio rural, nem sempre contemplam suas necessidades.

A pesquisa aqui apresentada justifica-se pela intenção de buscar entender o processo que compõe a resistência e a luta por terra e território e suas nuances sociais no Assentamento Bom Sucesso em Flores de Goiás - GO. Como se deu a ocupação, sua origem e o que gerou para o município, em meio às lutas, a organização social, política e os modos de produção agrícola, cultural, para compreender a autonomia social das/dos agricultores.

Diante dessas questões apresento o problema da pesquisa que quer saber como se sucedeu e como transcorre a trajetória, as lutas e a reconstrução das histórias de vida, conseqüentemente a ressignificação do território hoje ocupado por essas 84 famílias do Assentamento Bom Sucesso?

Foram traçados como objetivos: compreender o processo de participação política, econômica e social das famílias do Assentamento Bom Sucesso no município de Flores de Goiás, analisar o perfil sócio econômico das famílias do Assentamento Bom Sucesso, identificar os sujeitos que protagonizam o processo de luta pela terra no assentamento, averiguar a percepção de autonomia social das agricultoras e dos agricultores do assentamento Bom Sucesso e saber qual a importância da prática da agricultura familiar na vida das famílias do assentamento. Para o percurso metodológico foram utilizadas entrevistas semiestruturadas, gravadas em áudio. As entrevistas foram anotadas durante as falas. Todo esse procedimento foi feito com o consentimento dos entrevistados.

A monografia está organizada em introdução, contendo justificativa, problema, objetivos e metodologia. Também na introdução apresento meu memorial, ressaltando alguns aspectos da luta pela terra até o momento atual de conclusão do curso de licenciatura em Educação do Campo. A seguir, no item 2, apresento o histórico do município de Flores e do Assentamento, suas lutas e histórias, seguido do referencial teórico, abordando: agroecologia, agricultura familiar e o papel da mulher a ressignificação. No item 3, trago a metodologia e interpretação dos dados e por fim, apresento as considerações a respeito do estudo.

1.2 Flores de Goiás - Historia

Flores de Goiás é remanescente de um dos primeiros quilombos do Brasil, conforme descrito no sítio do IBGE. A história relatada pelo seu povo diz que: “chegaram às margens do rio Paranã negros fugitivos das lavouras de cana de açúcar do litoral, sertão baiano e das minas de ouro” (BRASIL, s/d, p. 1). Além da história contada pelos seus antepassados, ela consta do registro paroquial de Nossa Senhora do Rosário em Flores de Goiás. Ainda nesse registro consta a fundação da Vila denominada Flores, em 1653, pelo bandeirante Manoel Rodrigues Tomar e sua comitiva, constituída de homens brancos e escravos em seu poder, conforme relatado por (FERREIRA, 14.11.2016, p. 1).

Em continuidade, os relatos mostram que à “época, já se encontravam famílias africanas instaladas ali. O quilombo tinha o nome de Conceição e era composto por

negros e indígenas” (BRASIL, s/d, p. 1). Consta que, além da comitiva, fazendeiros que “fugiram de um grande período de seca no sertão baiano formaram o arraial Vila de Flores em homenagem ao filho do bandeirante Manoel Rodrigues Tomar, apelidado Flores” (FERREIRA, 14.11.2016, p. 1).

O percurso histórico de Flores aponta que em 1939 o arraial pertencia à comarca de Sítio D’abadia, comandado por um subprefeito nomeado por Santino Campelo de Miranda. Com o nome de Urutágua, o arraial precisava de representante para tramitação dos documentos da emancipação política. Por essa razão foram nomeados três vereadores: Deusdezino de Souza Ferreira, Raimunda Alves Rosa e Francisco das Chagas Carvalho para nortear os destinos de Urutágua (FERREIRA, 14.11.2016, p. 1). A divisão territorial permaneceu e em 14,11.1963 o distrito foi elevado à categoria de município com a denominação de Flores de Goiás, pela Lei Estadual n.º 4.926, desmembrando-se, assim, de Sítio d’Abadia (BRASIL, s/d, p. 1)

Ao fugirem da Bahia e das minas de ouro, adentraram as terras goianas, vindo a se instalarem “à margem direita do rio Paranã, por volta do século XVI. Viveram ali isolados, sem contato com outras civilizações por alguns anos passando por inúmeras dificuldades como: pestes, doenças contagiosas, epidemias e transtornos causados pelas enchentes do Rio Paranã (FERREIRA, 14.11.2016, p. 1).

Por ser um povo tradicionalmente alegre, com seus cantos, danças e tambores, agradeciam à santa de devoção, Nossa Senhora do Rosário e, em sua homenagem, construíram um templo. Nos registros encontra-se a tradicional festa de Nossa Senhora do Rosário, constituída dos “costumes e tradição pela dança do batuque, roda de São Gonçalo, festejo do rei e rainha e outras atividades relacionadas aos costumes Afros” ((FERREIRA, 14.11.2016, p. 1). Esse mesmo autor relata que Flores de Goiás ainda preserva boa parte dessa história.

Em entrevista realizada com os moradores Domingos de Sousa Ferreira, Barbara Aparecida da Cruz Ferreira, Deuzimar de Sousa Ferreira, os mesmos afirmaram que lutaram onze anos junto ao governo Federal pela Fundação Cultural Palmares pela certificação como remanescentes de quilombo, tempo esse concretizado pela Associação dos Foliões de Flores de Goiás pelo então Presidente João Edson (Japão).

O município de Flores de Goiás é constituído por 21 assentamentos organizados por uma central das associações dos assentamentos (CEASS), várias cooperativas de produtores, uma associação quilombola (Associação Quilombola Flores Velha, AQFV), mais duas comunidades tradicionais, Santa Maria e Canabrava sendo que o primeiro assentamento deste município foi fundado no ano de 1997, com o nome de São Vicente.

1.3 Assentamento Bom Sucesso - lutas e historias

Ao longo do curso de Licenciatura em Educação do Campo, entre um componente curricular e outro, nos seminários, nas místicas e nos diversos espaços formativos, são apresentados elementos que levam à compreensão de que o homem e a mulher do campo são protagonistas da sua realidade. Trata-se de algo inovador, frente aos limites estreitos impostos pelas elites do país, em particular as elites agrárias, que não permitem nem admitem que a vida no campo possa ser protagonizada por aquelas pessoas que vivem e trabalham no campo e ali querem viver e permanecer com dignidade.

O Assentamento Bom Sucesso está localizado a 6 km da cidade de Flores, às margens do rio Paranã, à esquerda da GO 236 sentido povoado do Forte, Município de São João da Aliança. O clima predominante é tropical, e a vegetação predominante é o cerrado. O projeto de Assentamento (P.A) Bom Sucesso surgiu no mês de setembro de 1999, por pessoas originárias do Vale do Amanhecer de Planaltina, DF. A ocupação da terra ocorreu com a permissão do seu proprietário, pois, já estava em andamento a compra da fazenda, pelo INCRA. Essas pessoas procedentes da Bahia, de Goiás (Águas Lindas e Formosa), Minas Gerais e Distrito Federal, dentre outras regiões, chegaram para se juntar com as famílias que já estavam ali acampadas. O INCRA comprou essa fazenda Intitulada Santa Cruz do Proprietário Senhor Luiz Bortoluzzi. No dia 18 de Dezembro de 1999 foi feita uma reunião com o Instituto e os acampados para o cadastramento das famílias, que estavam às margens da Barragem Lagoa da Sucuri, por um período de aproximadamente três meses pois, ali existia uma grande fonte de sobrevivência, principalmente peixe e água Os assentados começaram a se mobilizar para fazer a construção de uma roça comunitária, que foi plantada no mês de janeiro de 2000, em meio a esse tempo se mobilizaram para dividir as parcelas, cuja

divisão foi protagonizada por eles mesmos. O INCRA seguiu o modelo feito pelos assentados sabendo que cada gleba deveria ter mais ou menos 20 hectares, tirando Área de Reserva Legal (A.R.L) e Área de Proteção Permanente (APP) à beira do Rio Paranã.

Com a fundação da Associação dos Trabalhadores Rurais do P.A (ASPRABOM) foi eleito, através de votação, o Cardoso, como era conhecido, uma liderança do Vale do Amanhecer. A expectativa era que se tivesse um presidente um presidente que representasse o povo. Em seguida mais ou menos em meados de março ou abril, os acampados começaram a ocupar suas próprias parcelas. Nos meados de dezembro de 2000 e começo de 2001, foram contemplados com os recursos do Governo Federal (Fomento), destinado para a implantação da infraestrutura da parcela e subsistência. No final de 2003 e começo de 2004 veio o recurso para a construção das casas, em 2005 e 2006 chegou o programa Luz para todos, em 2008 um recurso para a reforma das casas, em final de 2008 foi criado a Associação das Produtoras Rurais do P.A (Associação das Mulheres). Hoje o P.A é constituído por 84 famílias, contendo duas associações sendo uma geral e uma das mulheres, o atual presidente da ASPRABOM é o assentado Enivaldo Araújo Brito, e a Associação das Mulheres é presidida pela agricultora familiar Cidelita.

1.4 Ressignificando a vida no Assentamento

A ressignificação do conceito de território se confere na construção coletiva da comunidade envolvida. Nessa ótica Fernandes (2012, p. 744, grifos do autor), afirma que “a *relação social* que constrói esse *espaço* é o trabalho familiar, associativo, comunitário, cooperativo, para o qual a *reprodução da família* e da *comunidade* é fundamental”. Historicamente o ruralismo é pautado por reivindicações que buscam por igualdade social que se traduz no desejo de condições básicas para a reprodução do que ele precisa para sobreviver e promover a permanência da família na propriedade rural.

Conforme aponta a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD, 2011), a revolução no papel social da mulher e nas relações de gêneros tradicionais: homem provedor versus mulher cuidadora. Essas revoluções estão em curso em quase todo o mundo desenvolvido e, também, no Brasil. Discute-se a seguir, brevemente, o impacto das segunda e terceira revoluções acima mencionadas nos arranjos familiares

à luz dos resultados da PNAD de 2011. O arranjo familiar predominante no Brasil é o do tipo casal com filhos, mas essa predominância vem decrescendo ao longo do tempo. Constituíam 62,8% do total de 17 arranjos em 1992 e passaram a constituir 48,3% em 2011, conforme mostra o gráfico 14. Esse tipo de arranjo se caracteriza pela predominância de chefes homens. Observou-se, no entanto, nos últimos 19 anos, um aumento expressivo de chefia feminina nesse tipo de arranjo, ou seja, no formado por casais. A proporção de arranjos do tipo casal com e sem filhos chefiados por mulher passou de 0,8% em 1992 para 12,1% em 2011. Neste ano, 7,4 milhões de famílias brasileiras encontravam-se nessa categoria. A ressignificação do conceito de território traz consigo a existência de certo poder por parte desses assentados, e esse território tem uma determinada escala, que é onde esses indivíduos possam de fato criar sua família, sua comunidade e suas regras sociais, garantidas de segurança e cidadania necessária para o mínimo de dignidade possível para a sobrevivência desses cidadãos. Atualmente o Assentamento Bom Sucesso é um dos melhores e mais bem estruturados da região. Com Associação fortalecida do ponto de vista estrutural, todos os assentados têm conhecimento do seu papel na comunidade.

TEMAS PARA COMPREENDER A RESSIGNIFICAÇÃO

Neste capítulo abordo questões do dia a dia dos assentados que fazem parte da ressignificação, uma vez que estão diretamente imbricadas na vida dessas pessoas, movendo-as em busca do sonho de viver com liberdade de produzir, de ser um camponês com todo o significado que essa palavra traz. Nesse sentido, ao abordar cada tema procuro fazê-lo articulado aos processos da ocupação ao assentamento.

2.1 Agroecologia e a agricultura familiar

Na contramão das práticas impostas pelo capital latifundiário, temos a Agroecologia, que vislumbra a transformação humana na busca por isonomia social e consequentemente colabora com a ressignificação do Território e com a resistência camponesa. A ciência agroecológica amplamente descrita visa trabalhar o individual e o

coletivo, buscando resgatar os valores humanos através do desenvolvimento socioambiental como um todo.

Segundo Gomes e Assis (2013), o movimento agroecológico no Brasil se iniciou com a chamada Agricultura Alternativa, trazida através de discussões no contexto social, ambiental e econômico em meados de 1950. Professores e pesquisadores foram influenciados por estudos desenvolvidos em outras partes do mundo.

Conforme aponta Altieri (2012), a Agroecologia vai além do uso de práticas sustentáveis e do desenvolvimento de agroecossistemas, prima pela independência do uso de agroquímicos e insumos externos, sempre buscando restabelecer a racionalidade mais ecológica na produção agrícola. Podemos enfatizar a agroecologia na construção e valorização dos recursos locais, jeito camponês de cultivar alimentos, na evolução e práticas nas trocas de saberes tradicionais e científicos. Em acordo com o exposto acima, Assis (2006), enfatiza que a Agroecologia possui como premissa básica, uma produção agrícola que não agrida ao meio ambiente, resgate da lógica da complexidade existente nas comunidades camponesas com seus conhecimentos empíricos, aliando a ciência agroecológica com viés voltado para a agricultura familiar. Para Hoeller e Silva (2013), a agroecologia propõe um ajuste de conduta nesta relação, nos desafia a respeitar e potencializar essa premissa construindo o máximo da funcionalidade ecológica dentro dos agroecossistemas. Todavia acreditamos que essas ressalvas só serão positivas se houver investimento em políticas públicas que atendam pontualmente as necessidades da agricultura familiar.

Neste sentido Caporal e Costabeber (2007) defendem que a Agroecologia é assumida como uma ciência que proporciona princípios úteis para promover mudanças conceituais, metodológicas, tecnológicas e organizacionais mais ajustáveis e compatíveis para estabelecimento de patamares crescentes de sustentabilidade na comunidade rural. Se considerarmos a crescente necessidade de justiça social com o homem do campo, em face da atual conjuntura do comércio de grãos em nosso país, o excedente da produção é vendido a qualquer preço para os atravessadores, devido a não regulamentação de políticas públicas a fim de favorecer a realidade de quem põe alimento na mesa de todos aqueles que não produzem. O desaparecimento do jeito camponês de cultivar alimentos põe em risco a permanência do agricultor no campo.

Ainda citando Gomes e Assis (2013), ambos observam que a Agroecologia é parte constituída do conceito de transição agroecológica entendida como um processo gradual nas mudanças para a criação e construção do desenho agroecossistemas complexos. Para tanto, entendemos que a Agroecologia tem muito a ser desmistificada, construída e descoberta, mesmo com a existência do saber empírico, é necessário aliar o conhecimento científico para que possamos alcançar ainda mais sucesso na busca por uma agricultura cada vez mais justa e agroecológica. Não obstante o posicionamento favorável à agroecologia por parte de organizações e movimentos sociais de abrangência nacional, essa questão ainda não mereceu um lugar de destaque na pauta de suas negociações com o governo.

Pensar e construir agroecologia e desenvolvimento sustentável requer uma árdua e desafiadora tarefa, envolvendo o maior número possível de atores e de segmentos da sociedade em que estamos inseridos.

2.2 Agricultura familiar e políticas públicas para o campo

Diferentemente da agricultura de larga escala, a agricultura familiar tem a capacidade de produzir, sem agredir os agroecossistemas e mantendo suas relações com a cultura que é parcela importante para manter em pé a ideologia de resistência. Com pouca extensão de terras, condições desfavoráveis, a família agricultora tem ao longo de anos desempenhado importante papel econômico, cultural e social.

Segundo dados do censo agropecuário realizado em 2006 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a agricultura familiar ocupa apenas um quarto da área cultivada, e é responsável por 75% da mão de obra existente no campo, é também responsável por 70% dos alimentos que chegam à mesa dos brasileiros.

As políticas governamentais para a agricultura familiar têm tido um crescimento considerável, porém não tem fortalecido o grande problema que é fazer com que o agricultor permaneça no campo, a fim de evitar o chamado êxodo rural.

Os movimentos sociais pressionaram e houve mobilização de diversos setores do Estado e da sociedade no intuito de reformular as políticas agrícolas, com foco a incluir efetivamente os agricultores familiares. Podemos citar aqui como resultados de políticas públicas, o PRONAF, PNATER e PLANAPO.

Estas políticas são recentes, a primeira delas, o PRONAF, foi criada em 1996, e a última, PLANAPO em 2013, é cada vez mais crescente a necessidade de que a agricultura familiar seja tratada com isonomia. Acreditamos também que somente políticas públicas não resolvem o problema da permanência do agricultor no campo, mas sim a criação de alternativas de trabalho e renda, desta forma o indivíduo terá reconhecimento financeiro, podendo viver dignamente tirando o seu sustento da terra. São muitas as contribuições que a agricultura familiar traz para a sociedade, como produtora de alimento, garantindo assim a soberania alimentar de nosso país, conservadora dos agroecossistemas, guardiã de sementes camponesas, entre outros.

Acreditamos que o sistema de produção, mesmo em pequena escala tenha como primórdio trabalhar dentro dos conceitos mínimos de sustentabilidade constituindo assim um desenvolvimento rural sustentável. Segundo Moreira e Stamato (2009), a inclusão do conceito de sustentabilidade ao desenvolvimento rural, se aplica devido aos impactos sociais e ambientais estabelecidos de forma negativa na atual conjuntura econômica. O conceito de sustentabilidade é muito amplo e se estende em todos os âmbitos da nossa sociedade, por isso a necessidade de enxergar este tema de maneira diferenciada em cada grupo da sociedade.

2.3 Importâncias da mulher na construção da ressignificação

O cenário rural traz consigo diversas práticas dominantes e arraigadas em todo o seu histórico, uma delas é a invisibilidade do trabalho da mulher na propriedade rural e no fortalecimento e permanência no campo, diante desse exposto, o olhar da sociedade sobre essa realidade tem tido alguns efeitos nos últimos anos é possível debater essa reflexão no intuito de discutir os caminhos para a construção de uma sociedade onde as mulheres tenham conhecimento e reconhecimento do seu papel para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Podemos atrelar a este cenário, diversas causas, primeiramente a cultura do patriarcado, do machismo, uma força presente na vida social brasileira, a outra hipótese é falta de acesso ao conhecimento, que limite, muitas vezes, as ações das mulheres e, em decorrência vem a repetição de tais situações.

A luta por justiça e reconhecimento do papel da mulher no contexto rural permeia muitas dificuldades e enfrentamentos ao longo de décadas. Segundo Fernandes et al. (2009), a luta pelo direito e reconhecimento das mulheres no Brasil foram iniciadas dentro das Comunidades Eclesiásticas de Bases na região sul do país e conseguiu chegar à CF 88, que abriu possibilidade para que as mesmas pudessem ter seus direitos regulamentados. Nos últimos anos a agenda governamental dos governos do Partido dos Trabalhadores (PT) avançou significativamente para a eclosão de políticas públicas que garantam direitos e possibilidades de criar uma nova realidade frente a dureza do trabalho agrícola, que desde então possibilitou as mulheres participar das tomadas de decisões em sua vida e nas comunidades onde tem relação social e coletiva, afirmando-se como sujeitos políticos. Ainda citando Fernandes (2009 p. 192) “A luta das mulheres para serem consideradas “produtoras rurais” não significa necessariamente uma busca de mudança nas relações entre marido e mulher, do mesmo modo que, o trabalho fora de casa não torna as mulheres automaticamente mais independentes de seus maridos e atuantes politicamente”

No desenrolar da demanda por protagonismo as mulheres rurais descobrem que são promissoras, e atualmente tem espaço assegurado dentro do meio social em que vivem, graças as políticas públicas de fomento e enaltecimento de sua trajetória na história rural do Brasil. Nos últimos anos foram implementadas políticas públicas sociais que permitiu a essas cidadãs traçar outros itinerários. Houve avanços nas políticas ligadas o campo do trabalho, da formação, de acesso a mercados, linha de crédito com juros diferenciados, em suma, todos os direitos legais, que anteriormente eram inviabilizados hoje as mulheres rurais tem o mínimo de dignidade como cidadãs.

É fundamental que a mulher tenha autonomia econômica e financeira para que ela fique menos vulnerável a violência, dessa forma ela adquire mais empoderamento para as disputas políticas, para que ela se apresente com mais condições de disputar mercados de trabalho, conseqüentemente igualdade de condições no trabalho, apesar das mulheres

Com todo esse arcabouço não significa dizer que se chegou ao patamar na luta por direitos e liberdade de condição social justa, mas emblemático dizer que etapas antes inimagináveis foram atingidas. De acordo com Siliprandi (2015), ainda persistem desigualdades em comparativo a vida que tem os homens, tanto nas econômicas e

estruturais para acesso ao trabalho, propriedade e poder político e projetos autônomos de vida, devido à ainda existência de padrões de gênero fortemente excludentes. O mais significativo de toda essa resistência da construção desse espaço de gênero é ter a consciência de onde se querem ir e como se pode chegar para a ocupação dos espaços antes dominados pelo patriarcado. Quem sempre teve o cuidado com a manutenção da vida em todo o sentido plural, quem entende de processos ecológicos e de saberes, mas tem seus sonhos e afazeres espoliados seguirão sempre na vanguarda.

3. METODOLOGIA

Nos últimos anos a pesquisa social tem sido muito difundida nas academias do nosso país. Segundo Neves (2006), enquanto os estudos quantitativos procuram seguir um plano previamente estabelecido, a pesquisa qualitativa se direciona ao longo do seu desenvolvimento. Essa técnica define o percurso do trabalho de pesquisa a ser estudada, traduzindo assim a expressão social que se quer enxergar. O mesmo autor diz que, nas pesquisas qualitativas, é frequente que o pesquisador procure entender os fenômenos segundo as perspectivas dos participantes e da situação estudada, vindo a partir daí sua interpretação dos fenômenos estudados. A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares, de uma dada realidade social, “pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes” (MINAYO, 2009, p. 21).

O tema foi abordado a partir de um estudo de caso em que apresento o assentamento Bom Sucesso e sua trajetória histórica, tendo como protagonistas as famílias assentadas desde meados de outubro e novembro de 1999. Abordo também a organização social e os modos como se dá a construção do espaço da ocupação feminina nas lutas, na produção e na organização social, o papel da mulher nesse contexto de assentamento articulado à luta pela terra, por considerar que a mulher tem um papel de destaque na vida do assentamento. O percurso da pesquisa procurou juntar trajetória pessoal do pesquisador, na condição de assentado e a trajetória histórico-social do assentamento.

Tendo em vista que o município de Flores de Goiás tem 21 assentamentos consolidados, ou seja, assentamentos com a situação regularizada (INCRA, SR 28), alguns desses assentamentos têm mais de 500 famílias (São Vicente 539 famílias), fica difícil fazer um retrato social das lutas e trajetórias de todo o perímetro rural do Município. Sendo assim esse estudo de caso trata do assentamento Bom Sucesso que abriga 84 famílias. O contexto social empírico aplicado à realidade versada desde o início do assentamento até os dias atuais, também compõe a trajetória histórica. Ao acessar a literatura que trata sobre “estudo de caso” observamos que essa pesquisa tem todas as características necessárias que a levam a se encaixar nesse tipo de metodologia. Por se tratar da realidade camponesa esse tipo de estudo não trata com tanto rigor, pois ela parte da premissa de que a realidade estudada está em constante progressão, ou seja, uma realidade inacabada. Para Lüdke e André (1986), essa visão de abertura para a realidade capta como ela realmente é, e não como gostaria que ela fosse essa é a finalidade do estudo de caso, retratar a realidade da comunidade pesquisa. Outro ponto importante é que o pesquisador é parte direta das experiências que serão relatadas nesta pesquisa, desta forma fica mais preciso o olhar sobre os fatores que despertaram a análise de dados deste estudo. Ainda citando Lüdke e André (1986) neste tipo de pesquisa o pesquisador tem como relatar suas experiências, desde sua vivência seguida durante todo o período de estudo e pesquisa.

Existe uma grande preocupação no meio acadêmico no que se refere a transferência de conhecimento para a realidade das comunidades fornecedoras de dados, por assim dizer, seria algo do tipo a transferência de tecnologia, popularização da ciência, de forma que esses estudos possam de alguma forma ter uma devolutiva para a comunidade estudada, e se esse estudo puder ter impacto social na prática isso seria uma quebra nos paradigmas atuais. Segundo Minayo (2009), a pesquisa social é um amplo processo coletivo e democrático de construção, onde faz com que o pesquisador social se coloque no lugar do outro. Para tanto, o levantamento dos dados e sua produção constituíram uma ação participante, que contribuiu para uma análise crítica da realidade pesquisada.

O principal instrumento utilizado para a produção dos dados foi a entrevista semiestruturada, gravada em áudio com consentimento prévio de cada entrevistado. Os nomes utilizados na análise dos dados são verdadeiros e têm o consentimento dos participantes. Foram entrevistadas 10 (dez) pessoas envolvidas com produção no assentamento, sendo 6 (seis) homens e 4 (quatro) mulheres.

A entrevista é um procedimento utilizado na pesquisa de campo, uma forma de contato direto com o colaborador. Isso possibilita o registro da opinião e da experiência de cada sujeito, ampliando a riqueza de detalhes. O pesquisador conduz a entrevista com pontos norteadores, o que facilita ao entrevistado exprimir suas ideias ou descrever as informações consideradas pertinentes.

A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social, para coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social (MARCONI; LAKATOS, 2010, p.178).

A entrevista é um recurso de grande vantagem na pesquisa de campo em comunidades tradicionais, uma vez que não é necessário que o colaborador tenha de escrever, tendo em vista que ainda há um grande número de pessoas, principalmente, mais idosas, que não são alfabetizadas. A entrevista pode ser estruturada, que segue um roteiro, ou semiestruturada (ou não estruturada), que caracteriza-se por deixar o entrevistado mais a vontade para responder às perguntas. (MARCONI; LAKATOS, 2010, p.180). A entrevista teve como objetivo principal a obtenção de dados utilizados pelo pesquisador na análise do tema em estudo.

3.1 Análise e interpretação dos dados

Os entrevistados são todos moradores do Assentamento desde a época inicial do acampamento em 1999, quando ocorreram as primeiras ocupações. São pessoas na faixa etária de 40 a 70 anos de idade, que possuem identificação com a terra e há anos vêm produzindo seu próprio alimento em suas parcelas e fazem parte de um grupo de 16 famílias que produz quiabo, feijão verde, jiló, maxixe, pimentão, etc. para o consumo familiar e venda do excedente para as Centrais de Abastecimento do Distrito Federal (CEASA-DF).

Para traçar o percurso da pesquisa e responder às questões da que a nortearam foi feito um roteiro de entrevista semiestruturada, com questões que versaram sobre a busca por terra, desde o acampamento, a organização social e a produção, até a ressignificação da vida no assentamento. As respostas completas encontram-se no apêndice II (p. 47).

Questão 1: Como se deu a decisão de vir para cá, você e sua família tinham conhecimento da realidade de um assentamento, como viver, trabalhar, se organizar em grupo, como foram os esforços para conseguir a terra aqui neste assentamento?

Foi unânime a resposta dos entrevistados para essa pergunta, quando afirmam que a principal motivação para vir para o assentamento foi o desemprego, isto é, a busca pela sobrevivência, moradia e por melhores condições de vida. Todas as respostas revelam que os entrevistados ao ficarem sabendo que o INCRA estava assentando famílias, partiram em busca de um pedaço de terra. Em relação ao conhecimento da realidade de um assentamento somente dois entrevistados conheciam. O entrevistado 1 conhecia de ouvir falar e o entrevistado 4 já havia passado pela experiência de acampar. Os outros disseram não ter conhecimento, mas se esforçaram para adaptar-se a nova vida. A passagem pelo acampamento contribuiu para essa adaptação. Segue a fala do Entrevistado 6:

“A gente não tinha conhecimento nenhum de como era o assentamento pensando que era tudo fácil, mas nós vimos que não era, é difícil mais mesmo assim estamos conseguindo, e pra gente conseguir a terra aqui foi muito difícil, foi muita luta e muita espera”.

Todos os entrevistados disseram que o esforço foi de toda ordem, física, emocional, material, envolvendo a moradia nos barracos de lona com muita precariedade, sem água, energia, condições sanitárias, enfrentando chuva, frio, falta de alimentos, mas nenhum desses fatores tirou o espírito da luta. Segundo o entrevistado 3

“Foi através do INCRA e a gente se esforçou bastante, saía da cidade para vim aqui pro acampamento pra poder ficar nas barracas, abarracados embaixo das árvores e foi esse o trabalho da gente, para a gente chegar até esse ponto de receber alguma coisa, algum benefício, para a gente poder continuar trabalhando”.

De acordo com Altieri (2012), esse é um importante processo de superação, que por instantes tomam a forma de um ideal estratégico, definido nas ações de luta em curso, capaz de orientar novas formas de produção social, contestando o produtivismo e as políticas agrícolas inadequadas.

A concentração de terras no Estado de Goiás assim como em todo Brasil historicamente vem acompanhadas de muitas disputas entre o camponês e o grande

latifundiário. O governo sempre tratou a política de reforma agrária de forma desacelerada, não vê nessa política a solução para graves problemas sociais que o Brasil tem. E é nesse contexto que os assentados do Assentamento Bom Sucesso Em Flores de Goiás entram para a ocupação e luta por suas terras. O processo de ocupação rural através dos movimentos sociais basicamente tem a mesma estratégia em todo o Brasil. As lideranças estudam uma região que esteja ociosa do ponto de vista de desenvolvimento e utilização da terra para plantação.

Questão 2: Quais políticas públicas você e sua família acessam ou já acessaram e como isso tem ajudado para a permanência de sua família na terra?

O primeiro entrevistado coloca o governo no papel de herói, quando diz que confiou empréstimo bancário a uma pessoa que não tinha nada. O segundo relata políticas públicas de saúde, transporte escolar e “incentivos do INCRA”. O terceiro relata como sendo as políticas públicas, os “programas” que ajudaram na permanência e atividades produtivas do seu lote e da comunidade. O quarto entrevistado conta que não conseguiu acessar nenhuma política até o momento. A entrevistada de número 5 demonstra que sempre utilizou a política pública PRONAF, e que tem acesso a política social do programa Bolsa Família. A sexta pessoa entrevistada demonstrou descrédito no governo por não cumprir as promessas, mas diz não perder a esperança de dias melhores para os custeios iniciais na sua terra. Em resumo todos os agricultores que participaram da pesquisa confirmaram que tiveram acesso a pelo menos um programa de fortalecimento da agricultura familiar. De acordo com a fala do entrevistado 02: *“Olha as política públicas foi, é saúde né que teve, transporte escolar e por parte do INCRA né teve os incentivos de financiamento né é o que nós tivemos até agora”*. Segundo Carvalho (2008), a conquista pela cidadania no meio rural vai muito além das melhorias de renda per capita, passa também pela efetivação de direitos e participação em espaços políticos e principalmente pela organização social.

Questão 3: De onde vem o sustento da família, vem do que é produzido na terra pela própria família? Em caso positivo, a família consegue se manter com o que é produzido?

O primeiro agricultor entrevistado fala que não tira todo o sustento da família da parcela, primeiramente por que não tem água suficiente e depois por que a terra não é

boa, então para completar a renda ele faz “bicos” na cidade ou em outras parcelas. Dos seis entrevistados apenas três deles afirmaram tirar o sustento da própria terra, abastecendo a família com o que produzem e comercializando o excedente. Quando a sociedade reivindica a implementação da política pública de reforma agrária, acredita-se que todas as famílias assentadas terão acesso as políticas públicas que irão fomentar e subsidiar a permanência das famílias em suas parcelas. Para driblar esse quadro é necessário a ressignificação da vivência no campo. Para Perondi (2009), é essencial que haja diversidade na produção, com isso as famílias incrementam as alternativas da renda familiar e garantem sua autonomia.

Questão 4: Na sua visão qual a importância da participação da mulher no processo de permanência da família na terra.

Todos os entrevistados julgam o papel da mulher na propriedade como sendo de muita importância, fala que a presença da mulher ajuda na permanência da família na propriedade, por que a mulher muitas vezes divide o trabalho com o homem meio a meio. De acordo com a fala do entrevistado 03: *“Uai é grande, é tudo, porque a mulher é como se diz é o braço direito do homem na terra, porque a produção da terra ela é praticamente dividida entre o homem e a mulher e os trabalhos também são divididos, eu acho que a mesma função do homem aqui na terra é a mesma da mulher”*. Segundo Fernandes (2009), a inserção da mulher na luta pela terra faz com que ela ocupe os espaços de luta de classe, mas também diante do confronto com a questão de gênero. As políticas públicas de emancipação e empoderamento da mulher têm colaboração significativa nesse contexto. O acesso à autonomia e a participação nas tomadas de decisões gera motivação frente à construção de uma nova realidade.

Questão 5: Fazendo uma comparação da sua vida antes e depois do assentamento, que mudanças ocorreram em sua vida? O que melhorou a situação da sua família nos aspectos financeiros, de moradia, saúde e alimentação? Quais foram as mudanças mais significativas?

Os entrevistados em toda sua totalidade falam da contradição entre o modo de vida que eles tinham antes e a tranquilidade de morar e poder criar os filhos longe de todos os problemas sociais que a zona urbana traz consigo. Outros falam que a renda melhorou

consideravelmente e que o custo de vida é bem mais barato, além do poder de acesso a maior e melhor quantidade de alimentos. O entrevistado 04 fala sobre a pergunta acima: *“Sossego, liberdade, e também o custo de vida aqui, é mais, é... digamos assim o custo de vida é muito mais fácil do que na cidade grande. Rapaz eu, quase não tenho nem resposta pra isso mais, digamos, mudou muita coisa, eu não sei nem explicar fica sem explicação”*. Quando os agricultores falam sobre o acesso a maior e melhor quantidade de alimentos, está mencionando implicitamente a segurança alimentar, a prática de troca de sementes entre assentados e a distância da cidade obriga positivamente que a família tenha um maior plantio de diversidade de culturas de plantio alimentar. Nas cidades as famílias se veem consumindo alimentos processados, visto que esses são de fácil acesso. Para Mourão (2004), o plantio de diferentes espécies frutíferas, aliado ao resgate das culturas da roça, favorece a variedade de alimentos, tirando essas famílias do mapa da fome e desigualdade, tirando da família a dependência de compras externas, podendo inclusive comercializar os produtos excedentes.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com as reflexões apresentadas durante o estudo procurei compreender a luta pela terra e a resignificação para a vida dos assentados de Bonsucesso em Flores de Goiás. Tracei um caminho para a investigação que pudessem trazer elementos para compreender o processo histórico dos assentados, desde o acampamento até os dias atuais. O fato de pertencer à comunidade e assumir o papel de pesquisador fez-me mergulhar um pouco mais na realidade vivida pelas famílias participantes da pesquisa, passando a ver situações que no dia a dia passam despercebidas, como a desigualdade social e a pouca presença do poder público e pouco acesso às políticas e programas de governo. Esses fatores contribuem para a ressignificação da vida no assentamento, conforme falam os entrevistados, mesmo que não seja explícito, mas aparecem nas entrelinhas. Outra questão é a discussão de gênero, mesmo sendo um tema em alta nos últimos anos, os homens entrevistados ainda minimizam a participação da mulher no contexto da construção social dos processos de participação e de produção. O conjunto dos elementos apontados pela pesquisa evidencia a necessidade de formação de um

indivíduo mais integrado e consciente de sua atuação como sujeito social e histórico filho da terra e dependente desta.

5 REFERÊNCIAS

ASSIS, R. L. de. **Agroecologia no Brasil: análise do processo de difusão e perspectivas**. Tese (Doutorado em Economia Aplicada), Universidade Estadual de Campinas. 2002.

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável**. 3. ed. rev. ampl. São Paulo: Ed. Expressão Popular/ASPTA, 2012.

BARONE, Luís Antônio; FERRANTE, Vera Lúcia Silveira Botta. **Reforma agrária no Brasil do século XXI: bloqueios e ressignificações**. In: DELGADO, Guilherme Costa; BERGAMASCO, Sonia Maria Pessoa Pereira (Org.). **Agricultura familiar brasileira: desafios e perspectivas de futuro**. Secretaria Especial de Agricultura e do Desenvolvimento Agrário. Brasília, 2017, p. 24-41.

BONNAL, Philippe; CAZELLA, Ademir, A; MALUF, Renato, S. **Multifuncionalidade da agricultura e desenvolvimento territorial: avanços e desafios para a conjunção de enfoques**. Disponível em: <http://lemate.paginas.ufsc.br/files/2015/03/302-805-1-PB.pdf>

BORGES, Barsanufu Gomides. Goiás: Modernização e Crise - 1920-1960. Tese de Doutorado apresentada à USP, 1994.

BRASIL, Goiás.

Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/flores-de-goias/historico>

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antonio. **Agroecologia e Extensão Rural: contribuições para a promoção do desenvolvimento rural sustentável**. Brasília: MDA/SAF/DATER-2007.

CARVALHO; Igor. S. H. **Superando a pobreza rural a partir das riquezas nativas: a experiência da cooperativa Grande Sertão**. Revista Agriculturas, 5, n. 04, dezembro de 2004. Disponível em: aspta.org.br/wp-content/uploads/2011/05/Agriculturas_v5n4.pdf. Acesso em 02 de janeiro de 2019.

DELGADO, Guilherme Costa. **Questão agrária hoje**. In: DELGADO, Guilherme Costa; BERGAMASCO, Sonia Maria Pessoa Pereira (Org.). **Agricultura familiar brasileira: desafios e perspectivas de futuro**. Secretaria Especial de Agricultura e do Desenvolvimento Agrário. Brasília, 2017, p. 14-23.

FERNANDES, Bernardo Mançano. MEDEIROS, Leonilde Servolo de. PAULILO, Maria Ignez (orgs.). **Lutas Camponesas contemporâneas; condições, dilemas e conquistas**, v.2: a diversidade das formas das lutas no campo. - São Paulo: Editora UNESP; 2009. 369p.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Território Camponês**. In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (orgs). **Dicionário da Educação do Campo**. São Paulo: Expressão Popular; Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2012, p. 746-749.

FERREIRA, D. F. FERNANDES FILHO, J. F. **Análise das transformações Recentes na Atividade Agrícola da Região de Goiás**. 1970/1995-6. In: ____ PEREIRA, S.L. XAVIER, C. L. (Org). **O agronegócio nas terras de Goiás**. Uberlândia: EDUFU, 2003. p. 101-138.

FERREIRA, Domingos Sousa. Flores de Goiás-GO. **Nossa cidade, nosso orgulho**. Disponível em:

<https://www.facebook.com/groups/seligafloredegoias/permalink/951822241589352/>

FERREIRA, Souza, Deuzimar; **História de Flores de Goiás**. 2ª ed. Ed. Pontual. Goiânia, GO. 2004. 190p.

FIGUEIREDO, G. C; PINTO, J. M. R. (2014). **Acampamento e assentamento: participação, experiência e vivência em dois momentos da luta pela terra** *Psicologia & Sociedade*, 26(3), 562-571.

GRISA, Cátia; SCHMITT, Claudia Job; MATTEI, Lauro Francisco; MALUF, Renato Sergio; INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Agropecuário: Brasil 2006**. Rio de Janeiro: IBGE, 2014;

HOELLER, Silvana Cássia; FAGUNDES, Maurício César Vitória; GHEDINI, Cecília Maria. **Um processo inovador na Educação do Campo: alguns olhares**. Matinhos: Editora UFPR Litoral, 2013, 176 p.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA - IPEA. **Tendências demográficas mostradas pela PNAD 2011**. IPEA, outubro, 2012. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/comunicado/121011_comunicado_doipea157_apresentacao.pdf

LEITE, Sergio Pereira. **Contribuições do Programa de Aquisição de Alimentos à segurança alimentar e nutricional e à criação de mercados para a agricultura familiar**. *Revista Agriculturas*, v. 8, n. 3, setembro de 2011. Disponível em: <http://aspta.org.br/wp-content/uploads/2011/11/artigo-6.pdf>.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7ª ed. São Paulo: Editora Atlas S. A., 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio da pesquisa social**. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 9-29.

MOREIRA, Rodrigo Machado; STAMATO, Beatriz. **Agroecologia**. Instituto Giramundo Mutuando. Programa de Extensão Rural Agroecológica-PROGERA /Botucatu/SP:Giramundo, 2009.

NEVES, José Luis. **Pesquisa Qualitativa – características, usos e possibilidades**. Disponível em:
http://ucbweb.castelobranco.br/webcaf/arquivos/15482/2195/artigo_sobre_pesquisa_qualitativa.pdf

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Geografia agrária: perspectivas no início do século XXI**. In: OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de; MARQUES, Marta Inez Medeiros (orgs.). **O campo no século XXI : território de vida, de luta e de construção da justiça social**. São Paulo: Editora Casa Amarela e Editora Paz e Terra, 2004, p. 29-70.

RIBEIRO, Marlene. **Movimento Camponês, trabalho e educação: liberdade, autonomia, emancipação: princípios /fins da formação humana**. São Paulo: Expressão Popular, 2013. 456 p.

SILIPRANDI, Emma. **Mulheres e agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas**. / Emma Siliprandi. – Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.352 p.

SOUZA, Celina. **Políticas Públicas: uma revisão da literatura**. Sociologias, Porto Alegre, ano 8, nº 16, jul/dez 2006, p. 20-45. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/soc/n16/a03n16.pdf>. Acesso em 15 de novembro de 2018.

MOURÃO, Patrícia de Lucena; **Sistemas Alternativos de Produção Familiar**. Revista Agriculturas, v. 1, n. 0, setembro de 2004. Disponível em: http://aspta.org.br/wp-content/uploads/2011/05/Agriculturas_v1n0.pdf acessa em 02/01/2019.

APÊNDICE I

Roteiro de entrevista semiestruturada.

1. Como se deu a decisão de vir para cá, você e sua família tinham conhecimento da realidade de um assentamento, como viver, trabalhar, se organizar em grupo, como foram os esforços para conseguir a terra aqui neste assentamento?
2. Quais políticas públicas você e sua família acessam ou já acessaram e como isso tem ajudado para a permanência de sua família na terra?
3. De onde vem o sustento da família? Vem do que é produzido na terra pela própria família? Em caso positivo, a família consegue se manter com o que é produzido?
4. Na sua visão qual a importância da participação da mulher no processo de permanência da família na terra?
5. Fazendo uma comparação da sua vida antes e depois do assentamento, que mudanças ocorreram em sua vida? O que melhorou a situação da sua família nos aspectos financeiros, de moradia, saúde e alimentação? Quais foram as mudanças mais significativas?

APÊNDICE II

Quadro com as respostas dos entrevistados

Quadro 1: Como se deu a decisão de vir para cá, você e sua família tinham conhecimento da realidade de um assentamento, como viver, trabalhar, se organizar em grupo, como foram os esforços para conseguir a terra aqui neste assentamento?

Entrevistado 1	A decisão foi simples falaram pra mim que o INCRA tava dando terra, eu vim resolver olhar, e achamos bom e lutamos para adquirir a terra.com relação do conhecimento não, é só um pouco só né, mais não sabia detalhadamente como era esse viver trabalhar e se organizar não. E os esforço não foi fácil mais também não foi difícil, é porque na época no assentamento era mais fácil adquirir uma terra do INCRA, agente veio participou de algumas reuniões, acampou, depois veio a medição, construção de casas e por aí em diante né, não foi tão difícil.
Entrevistado 2	Não tinha conhecimento né, vim através de parente que já estava aqui. e Foi difícil viu, conseguimos através de já pelo INCRA né , carta escrita, mais pra sair documentação foi complicado, demorou demais e e sem energia, muita dificuldade.
Entrevistado 3	Uai a decisão de vim pra cá pro assentamento foi devido falta de emprego na cidade onde a gente morava, as condições de emprego tava cada vez mais difícil, mais precária, então agente resolveu procurar um assentamento para morar. E do conhecimento agente não tinha não, mais a partir do momento que a gente veio, a gente foi se adaptando naquilo que tava sendo é, regulando a vinda da gente os trabalhos e a gente foi continuando vendo aquilo que podia fazer se era fácil se era difícil mais, a gente conseguiu vencer. Como foram os esforços para conseguir a terra aqui neste assentamento? Foi através do INCRA e a gente se esforçou bastante, saía da cidade para vim aqui pro assentamento pra poder ficar nas barracas, abarracados embaixo das árvores e foi esse o trabalho da gente, para a gente chegar até esse ponto de receber alguma coisa, algum benefício, para a gente poder continuar trabalhando.

Entrevistado 4	Olha o problema foi o seguinte, a decisão foi essa, desempregado e outra sem moradia aí eu arrumei esse lugar aqui por isso eu vim morar aqui. Se eu tinha conhecimento sim, porque já tive acampado alguns tempos atrás. Olha os esforços foi através do que eu já tinha acampado aí surgiu essa vaga aí eu fui e ocupei a vaga que tava disponível.
Entrevistado 5	Marcio foi opção de não ter emprego na cidade, então resolvemos vir pra zona rural, não tinha conhecimento da realidade mas aprendemos tudo depois que viemos pra zona rural, quando agente chegou fomos morar em barracos a turma toda, grupos até conseguimos a terra e hoje estamos morando na terra
Entrevistado 6	Cassando uma melhora porque onde agente morava agente não teve oportunidade, decidimos vim pra cá pra ter uma oportunidade e conseguimos, agente não conhecimento nenhum de como era o assentamento pensando que era tudo fácil mas nós vimos que não era, é difícil mais mesmo assim estamos conseguindo, e pra gente conseguir a terra aqui foi muito difícil, foi muita luta e muita espera.
Entrevistado 7	Foi através do pessoal do INCRA, aí eu trabaiava numa fazenda ali, de repente eles me franquiou me dá uma parcela aqui, eu vim aí eu e gostei e tô aqui até hoje. Eu realmente não tinha conhecimento da realidade do assentamento mais tinha coragem de trabaiá e eu sei que o assentamento é pra quem tem coragem de trabaiá, se trabaiá é muito bom o assentamento agora pra mim foi muito bom. Foi através de muito esforço né porque é hoje amanhã passando por dificuldade e espera mais conseguimos com paciência conseguimos conseguir a terra e tamo sastifeito pelo resultado.
Entrevistado 8	Uai a decisão é porque sempre tive vontade de ter uma terra e vim conseguir aqui, cadastrei e vim pra cá. Não tinha conhecimento de assentamento eu vim aprender aqui, aqui que eu aprendi viver ni assentamento. E foi 18 ano de esforço aqui paaa, esperar até um dia conseguir receber o documento da terra.
Entrevistado 9	Foi através dos meus pais, que eles vieram pra cá né aí eu mais meus

	<p>esposo também decidiu vim né pra cá pra a gente procurar um melhor de vida sair da cidade né e ter um lugar mais calmo que é na roça no assentamento né por isso que agente veio pra cá e pra a gente trabalhar né como agricultor rural né, que o meu marido sempre gostou de fazer esses trabalhos e é por isso que nós viemos pra cá. A gente tinha já o conhecimento de assentamento porque quando eu era criança sempre meus pais mexeram com roça trabalhando na roça e meu esposo também, agora minhas filhas não, mais com a gente já tinha costume né era tudo criança na época que nós veio pra cá e aprenderam com a gente como viver na roça. Os esforços? Hum ai ai teve muita luta né porque conseguir as coisas na agricultura familiar não é fácil né, mais com a ajuda de Deus né em primeiro lugar, com a ajuda dos presidentes também e o apoio da minha mãe e do meu pai que já estava aqui aí nós conseguimos, teve um pouquinho de trabalho mais nós conseguimos</p>
--	---

Quadro 2: Quais políticas públicas você e sua família acessam ou já acessaram e como isso tem ajudado para a permanência de sua família na terra?

Entrevistado 1	<p>Primeiro foi um fomento, um crédito de apoio, depois construção de casa, depois PRONAF, alguns custeios, luz, e é isso nós acessamos já isso aí e não vem mais agora eles estão com um trabalho de PRONAF pra mulher né, mais ainda não recebemos ainda não e ajudou muito né porque a confiança do governo até esse ponto sobre uma pessoa que não tinha nada e vem pra terra e adquiri essa confiança de um empréstimo dum dinheiro pra você trabalhar é coisa importante, eu creio que mudou muita coisa na vida da gente apesar de, das dificuldades de hoje mais ajudou muito, muito bom morar no assentamento.</p>
Entrevistado 2	<p>Olha as política públicas foi, é saúde né que teve, transporte escolar e por parte do INCRA né teve os incentivos de financiamento né é o que nós tivemos até agora.</p>
Entrevistado 3	<p>Foi o PRONAF, foi a renda cidadã, esse fornecimento para residência, e foi esses os programas que a gente acessou aqui até essa</p>

	época, acho que foi isto. E tem ajudado bastante, ajudou muito para poder tocar lavoura, para poder os trabalhos, as dificuldades foram superadas através desses recursos.
Entrevistado 4	Rapaz é o seguinte eu não entendo muito de política mais tem ajudado de alguma forma e é isso. Nunca recebi nenhum benefício, nem bolsa família, nenhum, nem PRONAF, nada até hoje ainda não recebi nada não.
Entrevistado 5	PRONAF, sempre tivemos opção de pegar PRONAF, BOLSA FAMILIA, que já é uma ajuda.
Entrevistado 6	Ainda nenhuma política né porque eles só promete e não cumpre nada né, mas mesmo assim ainda tô confiando assim que ainda pode ter uma melhora pra nós né?
Entrevistado 7	Aqui a gente conseguimos pegar o PRONAF me ajudou muito, peguei quitei a dívida, e a mulher tem o bolsa família também que ajuda muito mensalmente. Ajuda porque foi da onde a gente tirou, é principalmente o PRONAF porque da onde a gente tirou recurso pra poder ter máquina beneficiar a terra, ter semente, ter condições de gradiar uma terra e continuar trabaiano e manter o pagamento em dias.
Entrevistado 8	Hááá isso eu éé nós peguemo o PRONAF que na época era doze mil, aquele que manteu a gente até chegar a época deee que a gente conseguiu ganhar a terra.
Entrevistado 9	É esses programas aí tudo a gente recebeu né, o PRONAF mulher, eu recebo bolsa família por causa das criança que ainda estão na escola, aí foi muito bom né que foi uma ajuda muito bom pra gente aqui neste lugar devido a gente não ter muita condição né até que a gente vai melhorando mais de vida foi muito bom né que a gente pegou esses PRONAFs, essa ajuda do governo.

Quadro 3: De onde vem o sustento da família? vem do que é produzido na terra pela própria família? Em caso positivo, a família consegue se manter com o que é produzido?

Entrevistado 1	O sustento começou dessas, desses créditos que a gente pegou, mais
----------------	--

	<p>aí como a terra do município ela não é tão boa assim para produzir, o sonho que a gente tinha que era de plantar milho, mandioca, feijão e etc. precisava sempre de água então a gente tira uma parte do sustento da parcela e a outra parte do sustento a gente trabalha fazendo bico, ajudando um vizinho ou na cidade mesmo que é pequena, e é assim, a gente vai vivendo. Vem, uma parte vem do que é produzido na terra pela própria família. E se manter não, ainda não.</p>
Entrevistado 2	<p>É, o sustento da minha família vem mais de renda própria porque do assentamento não é suficiente pra tratar da família. E se manter Não, é... depende de recursos fora.</p>
Entrevistado 3	<p>Daqui de dentro do assentamento, dos trabalhos, das atividades que a gente consegue aqui dentro e é daqui que nós tira o nosso sustento. Sim é do que é produzido na própria terra, que tanto é que a gente ninguém sai pra trabalhar fora. E consegue, com o que é produzido, consegue manter sim.</p>
Entrevistado 4	<p>Daqui mesmo da terra, com certeza vem do é produzido pela própria família agente produz a gente mesmo vende. A família consegue se manter com o que é produzido na terra? Sim consegue.</p>
Entrevistado 5	<p>O sustento da nossa família é tirada daqui da terra mesmo, né para que agente se sustenta daqui da chácara, a maior parte sim, agente consegue, mas outras coisas agente tem que comprar né, remédios algumas coisas tem que comprar.</p>
Entrevistado 6	<p>Vem da renda da nossa chácara, a gente mexe com leite, com galinha, ovos, porco, tudo. E a gente consegue se manter assim consegue bem mesmo e porque o trabalho nosso é durante o ano todo, o mês todo, todo dia né? Tem que conseguir, a gente trabalha pra nós mesmo não muito mais vivemos.</p>
Entrevistado 07	<p>Da própria terra aqui onde nós trabaia, pratemo, coiamo eee da onde sai o nosso sustento sai daqui da terra mesmo. Consegue se manter tranquili eeeee comemo igual qualquer um, não passemo precisão de nada aqui em riba da terra.</p>
Entrevistado 8	<p>Vem do da aposentaduria que a gente agora apusentô e agora e</p>

	alguma ajuda que tem, a gente cria galinha, cria alguma coisinha a gente tem isso aí pa interar a renda e da pa manter num é viver bem é só se manter, que a renda é pouca isso ééé pois não só pa sustentar, a gente pa sobreviver.
Entrevistado 9	Agora ta vindo da nossa lavoura, que a gente pranta mexe com prantação de quiabo né, foi uma melhora muito boa pra nós porque conseguimos né esse trabalho aqui de prantar né esse cultivo e ta manteno né ta dano pa manter a família. Sim consegue sim se manter com o que é produzido aqui porque que aqui a gente trabaia em grupo entre eu, meu esposo, meus filhos, aí dá pra sobreviver com o que nós ganha.

Quadro 4: Na sua visão qual a importância da participação da mulher no processo de permanência da família na terra.

Entrevistado 1	Muito grande a importância porque dá uma ajuda muito grande, porque a pessoa numa terra dessa sozinho sem a família é complicado, então é importante a mulher estar junto com a família na terra.
Entrevistado 2	É muito importante né porque sem a mulher a gente não vive aqui né tem o apoio dela né no cuidar da família, olhar tudo é muito importante a permanência dela aqui pra a gente permanecer né.
Entrevistado 3	Uai é grande, é tudo, porque a mulher é como se diz é o braço direito do homem na terra, porque a produção da terra ela é praticamente dividida entre o homem e a mulher e os trabalhos também são divididos, eu acho que a mesma função do homem aqui na terra é a mesma da mulher.
Entrevistado 4	Olha é bom, mais como eu não tenho a minha família, eu sou separado, mais eu me viro sozinho aqui.
Entrevistado 5	Ajudar, ajudo o meu esposo, trabalho em casa, na roça, ajudo no que eu posso, se estando eu tô junto.
Entrevistado 6	Há muito importante né? A mulher é o esteio da casa né? Sem a mulher não ia ter uma estrutura tão boa que tem hoje
Entrevistado 7	É uma grande importância sim porque aqui ela ajuda prantar, ajuda a

	colher e lutamo junto dentro da terra, dentro de casa eee dividimo a tarefa.
Entrevistado 8	É muito bõ porque a mulher, a mulher que quer ficar na terra é muito importante que ela ajuda a gente na na naa no trabalho da roça aprende ela aprende a trabaiaá na roça e gosta de trabaiaá na roça.
Entrevistado 9	Vixe, agora você me pegou é é é um assim um quadro importante né porque aí é onde vem a união né entre o esposo e os filhos né porque ai tem uma coisa que onde tem união tudo vai bem né se a mulher ta próxima do esposo pa poder ajudar ele né ele consegue adquirir mais as coisas porque ta ali os dois lado a lado né pra poder conseguir adquirir né as coisa é muito importante a mulher ta sempre do lado do esposo pa poder adquire as coisas.

Quadro 5: Fazendo uma comparação da sua vida antes e depois do assentamento, que mudanças ocorreram em sua vida? o que melhorou a situação da sua família nos aspectos financeiros, de moradia, saúde e alimentação? Quais foram as mudanças mais significativas?

Entrevistado 1	Há ocorreram muitas mudanças né, porque praticamente eu criei uma boa parte dos meus filhos nesta terra, hoje estão formando, estão trabalhando né, quer dizer, houve uma grande mudança, sobre morar, tranquilidade também ter lugar pra plantar né, pra criar alguns animais, e assim por diante, houve uma mudança muito grande. Eu creio que foi, a gente não imaginava que era assim do jeito que eu vejo hoje um assentamento, uma aglomeração de famílias morando dentro de uma fazenda, mais houve muitas mudanças significativas pra vida da gente, da família, criação dos filhos, é, porque eu creio que aqui a família cresce e ela está mais longe um pouco das drogas, das questões que existe nas cidades grandes, vamos dizer assim, a prostituição, muitas coisas diferenciadas daqui, apesar da cidade ser pequena e distante de uma metrópole maior né, mais, a justificativa aqui é para criar os filhos né, tem uma educação até boa né, apesar dos meus filhos hoje o mais novo ta com 23 anos já ta fazendo faculdade, uma já fez um curso, a outra ta fazendo faculdade de
----------------	--

	Agroecologia e assim por diante, então eu creio que o significado da mudança foi esse de criar a família.
Entrevistado 2	Olha mudou experiência de, de, de campo, de convivência no interior, mais financeiramente num mudou muito não. E o que melhorou, a saúde a gente tem um atendimento razoável né, e a situação permanece quase a mesma né, que a gente depende um bocado de fora né pra sobreviver e pra manter a saúde. E a mudança mais significativa,Uai a convivência, a vida no interior né uma vida mais saudável, mais tranquila, a gente consegue viver melhor
Entrevistado 3	Bastante, bastante mudança, até do que a gente vivia antes pra hoje teve muita mudança, que ante você vivia numa atividade diferente, veio para a terra teve mudar de atividade de trabalho, então foi muita diferença e acredito que foi pra melhor também a partir de quando a gente se adaptou mesmo aqui em cima da terra várias coisas melhorou no decorrer da vida. E a situação que mudou, uai foi justamente a renda, a produção daqui do assentamento, da lavoura, das atividades que a gente toca, que a gente trabalha, foi essas que foi as melhoras acredito que sim. A mudança mais significativa foi o lado dos plantios né, das plantação, das atividades da lavoura, das atividades que a gente continuou trabalhando aqui, foi isso que mudou pra melhor.
Entrevistado 4	Sossego, liberdade, e também o custo de vida aqui, é mais é é digamos assim o custo de vida é muito mais fácil do que na cidade grande.Rapaz eu eu eu, quase não tenho nem resposta pra isso mais, digamos, mudou muita coisa, eu não sei nem explicar fica sem explicação.
Entrevistado 5	Há, pra mim mudou muitas coisas, agente conseguiu algumas coisas depois que viemos pra cá, graças a Deus conseguimos algumas coisas que agente não tinha nós conseguimos, e o que melhorou foi moradia, alimentação melhorou bastante, saúde, bolsa família, e as mudanças mais significativas pra mim quando agente chegou aqui era um lugar que não tinha energia pra mim foi uma coisa muito boa que logo logo chegou energia pra mim foi a melhor coisa, conseguimos furar um poço que nós não tinha água era muito ruim muito difícil e agora

	melhorou bastante.
Entrevistado 6	Tudo né? Mudou o jeito de viver, as condições financeiras, pros meus filhos também foi muito bom, hoje eles tão fazendo faculdade uma melhora muito boa. Com relação às melhorias na saúde ta difícil, mais a alimentação ta boa, moradia nós tamos aí conseguindo melhorar mais um pouco né? Devagarzinho agente chega lá. E o que mais significou, as mais é que hoje nós temos uma casa né! A gente vivia de aluguel e hoje temos onde morar temos nosso trabalho, isso pra mim foi uma coisa assim que foi um sucesso né!
Entrevistado 7	Mudaro bem pa melhor porque antes eu trabaiei muitos anos em terra dos outro, hoje eu trabaio dento da minha terra, tenho de tudo que eu quero, pranto, colho, tenho minhas criação, tenho minhas máquina de eu trabaia, e hoje pra mim do que eu vivia hoje eu tenho 99% de melhoria. E o que melhorô ó melhorô na saúde, melhorô na educação, e no estado financeiro tamen melhorô bastante porque hoje chega sobrar um pouco pa gente manter as dificuldade que aparece de vez em quando mais graças a Deus dá pa suprir todas as necessidades. E as mudanças mais significativas foi na parte financeira, porque aonde a gente pranta aqui produz e já temo o, a produção desviada pá CEASA e mandemo duas veis por semana são total de oito veis por mês e é um total que toda semana a gente tem um benefício a mais do que a gente produz aqui no assentamento.
Entrevistado 8	Háá a mudança ocorreu porque a gente sofreu muito até chegar esse momento e agora nesse momento que a gente tem as coisa já bem preparada já já acostumô na terra, conseguiu ganhar esse benefício, agora sim agora a gente ta mais tranqüilo. E melhorô, melhorô 50% em tudo que, o que a genteee, saúde, a saúde num é muito boa não mais a gente consegue porque a saúde é uma saúde média boa. As mudança mais significativa é é é a mudança foi que pegou o PRONAF a gente começou trabaia, fez a casa, conseguiu fazer a casa, depois da casa a gente conseguiu prantar algumas verduras, coisas pa vender na feira e e isso aí que foi um um motivo melhor pa gente ficar aqui na terra.

Entrevistado 9	<p>Teve algumas mudanças né, assim que... a gente morava ali na cidade não tinha assim um luxo igual o que a gente ta teno aqui, eu posso dizer né aqui eu tenho uma casa boa né, uma moradia boa, a gente veve do que a gente pranta, do que a gente colhe aqui, num precisa a gente está ali na cidade no dia a dia na correria né de transporte pegano transporte pa poder ta indo pro trabalho, eu achei que mudou muito muito muito mesmo. Nos aspectos? Ainda tem mais essa! Ra Ra Ra Ra, ai Jesus.... éééé igual eu tinha falado né na outra mudou muita coisa NE porque a minha moradia mermo aqui eu acho que é foi bem mais melhor assim os o especto assim da casa do que la na cidade né o conforto, a saúde a alimentação porque aqui a maioria das coisas a gente pranta e colhe né do sustento da casa, num tem muitos daquelas coisas lá com muito veneno né essas coisas assim, então mudou muita coisas que assim a minha saúde aqui foi melhor do que lá né na cidade né em vista dos lá, aqui a gente nem aduece assim né é difícil duecer, o convívio ne, assim o clima também.</p>
----------------	--

APÊNDICE III**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DAS/OS PARTICIPANTES DA PESQUISA:**

Título: Resignificação do território e a resistência camponesa no assentamento Bom Sucesso, Flores de Goiás, por Márcio Ales de Abadia (marcioalvesdeabadia@gmail.com);

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Osanette de Medeiros

A pesquisa objetiva compreender o processo de participação política, econômica e social das famílias do Assentamento Bom Sucesso no município de Flores de Goiás, GO. Os dados gerados serão apresentados em forma de monografia e poderão ser utilizados para apresentação em eventos acadêmicos, científicos e didáticos, e encaminhados para publicação, tanto na área de educação, quanto em áreas afins.

As/os participantes da pesquisa a fazem de forma voluntária e são livres para, a qualquer momento que desejem e em qualquer fase da pesquisa, recusarem-se a participar ou retirar seu consentimento de participação, sem qualquer prejuízo a elas/eles mesmas/os e à pesquisadora. Asseguramos total sigilo das informações, depoimentos e dos dados fornecidos, utilizando pseudônimo para manter o anonimato de sua identidade, dentro dos princípios éticos da pesquisa.

Eu, _____

Carteira de identidade nº _____ telefone: _____

Declaro que li este documento e quadro-síntese da pesquisa. Entendi os propósitos da mesma e sinto-me esclarecida (o) a participar da pesquisa, dando o meu consentimento livre.

Assinatura: _____

Data: _____